

O ROTEIRO VEREDAS E AS PLANTAS DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Nota de Etnobotânica Literária Sobre da
III Expedição Caminhos dos Geraes

Introdução

Em seus mais de mais de 900 km, o Roteiro Veredas da III Expedição Caminhos dos Geraes passa por cidades, povoados, rios e veredas. Quem sabe, atravessamos as mesmas veredas que Riobaldo Tatarana? Quem sabe não passamos pela Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita, Vereda do Burití Pardo, Vereda-da-Vaca-Preta, os Buritis Altos, cabeceira de vereda, Vereda-do-Vitorino, Vereda do Alegre, Vereda Saco dos Bois, Veredas Tortas, Vereda-Funda, Vereda-Grande, Vereda do Ouriço-Cuim, Vereda-da-Aldeia, Veredas Mortas, Vereda-Meã, Vereda do Tamanduá-tão, com seus buritis altos e água donzela de branca, ou alguma das outras tantas sem nome nem fama, de água muito simplificada, que ganharam o mundo nas páginas de Guimarães Rosa.

Neste relato, destacamos algumas plantas úteis encontradas ao longo do Roteiro Veredas, que compõe o clássico Grande sertão: veredas, cuja narrativa revela mais de 180 diferentes plantas. São ervas, arbustos e árvores, nativas dos diversos ambientes do Cerrado e exóticas cultivadas em lavouras e quintais, de importância ecológica, econômica e cultural. São plantas empregadas na alimentação, na medicina, em jardins, como madeiras, entre outras tantas serventias. Algumas dessas espécies figuram em listas oficiais de espécies ameaçadas, como a arnica e o pau-preto (braúna), outras foram imortalizadas na literatura dos sertões, como o pequi, o pau-d'óleo, o jatobá e, claro, o

buriti.

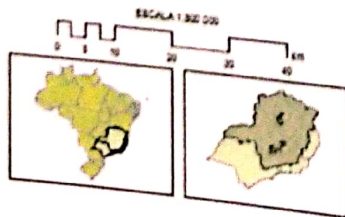
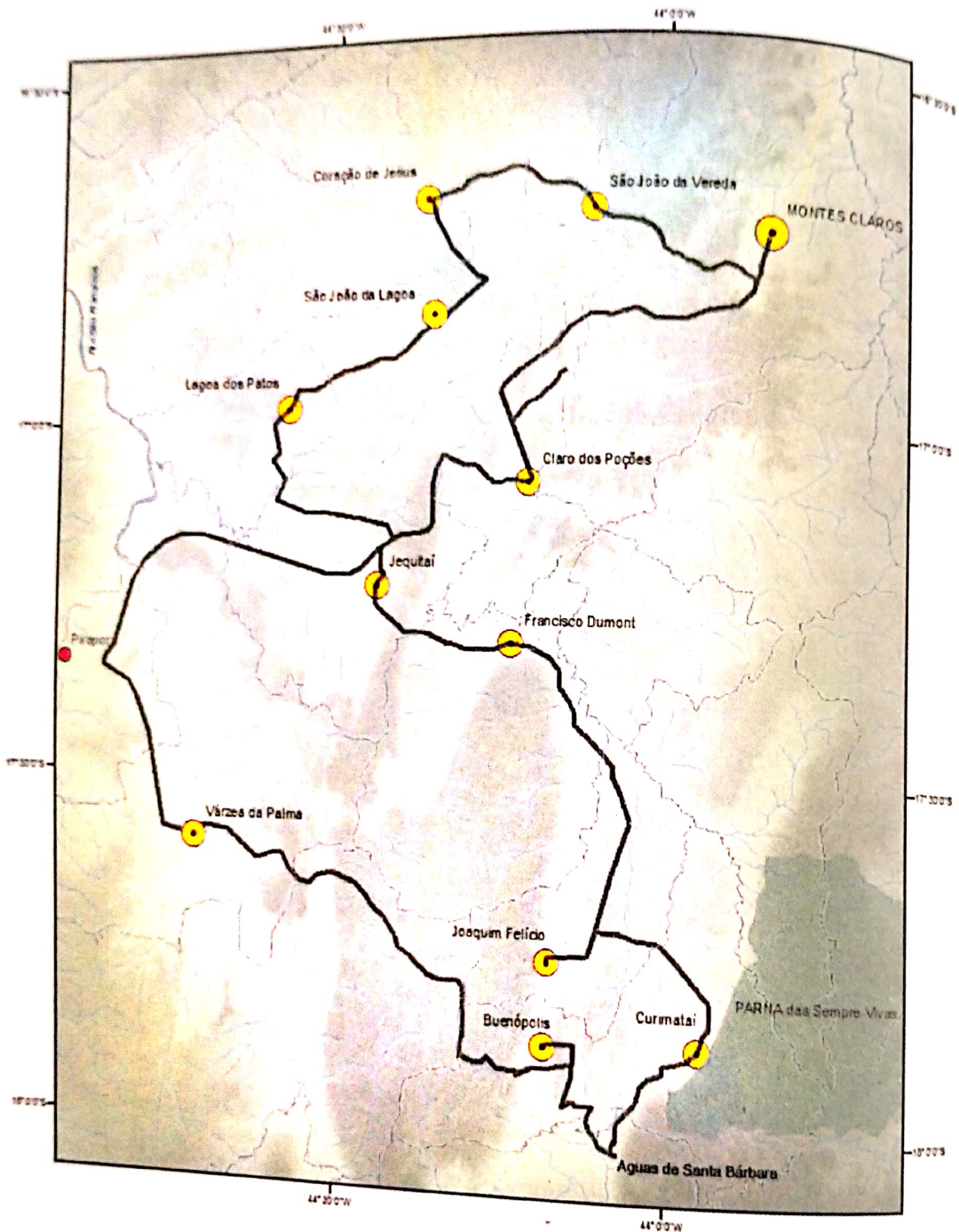
Albuquerque (2005) define sucintamente etnobotânica como o estudo da inter-relação direta entre pessoas de culturas viventes e as plantas do seu meio. Albuquerque fala, também, sobre uma etnobotânica histórica, baseada no tratamento e interpretação de documentos históricos sobre o uso das plantas, considerando a percepção do autor sobre o mundo vegetal. Propomos aqui uma etnobotânica literária, baseada na análise das plantas utilizadas ou mencionadas pelos personagens de Grande sertão: veredas (Rosa, 2006), para embasamento de considerações iniciais sobre as plantas observadas no Roteiro Veredas, da III Expedição Caminhos dos Gerais, e sua relação com a população desta região.

Plantas dos Caminhos dos Geraes/Roti-ro Vereda

Das diversas espécies de plantas observadas na expedição, destacamos 10 com importantes atributos ecológicos, econômicos e culturais, que devem ser levadas em consideração na condução de ações para a conservação da biodiversidade e/ou recuperação de áreas degradadas. Essas 10 espécies exemplificam o potencial da flora nativa para a utilização na alimentação, medicina, fornecimento de madeira, fibras e outras formas que favoreçam as populações locais, em uma perspectiva de manejo para um desenvolvimento sustentável da região.

As espécies incluídas são buriti (1), pequi (2), jatobá-do-cerrado (3), arnica-do-campo (4), ingá (5), copaíba (pau-d'óleo) (6), tamboril (7), imburana (8), jenipapo (9) e macaúba

ROTEIRO VEREDAS III EXPEDIÇÃO CAMINHOS DOS GERAIS - 2007



ROTEIRO DE COORDENADAS GEOGRÁFICAS
Dado: SAD 89

Elaboração do Roteiro Veredas da
III Expedição Caminhos dos Gerais 2007
baseado em levantamento de campo
feito no dia 07/07/07. Não é possível garantir a
precisão cartográfica, quantificada em sua precisão
base de dados: 1:50.000. Hidrografia e estradas - DGE.
Unidade de Conservação - CAPS/USJF.
Município de Águas de Santa Bárbara.

LEGENDA

	Outra cidade		Elevação
	Limite Municipal		1.506 m
	Cidade Visitada		429 m
	Rota Veredas		
	Rodovia pavimentada		
	Rodovia não pavimentada		
	Hidrovia		
	Unidade de Conservação Federal		

1) - Buriti

O senhor escute: o buriti é das margens, ele cai seus cocos na vereda – as águas levam – em beiras, o coquinho as águas mesmas replantam; daí o buritizal, de um e do outro se alinhando, acompanhando, que nem que por um cálculo. GSV pg. 377.



Buritis no Distrito Federal, Serra do Cabral em Buenópolis (MG), Boa Vista (RR) e Cavalcante (GO).

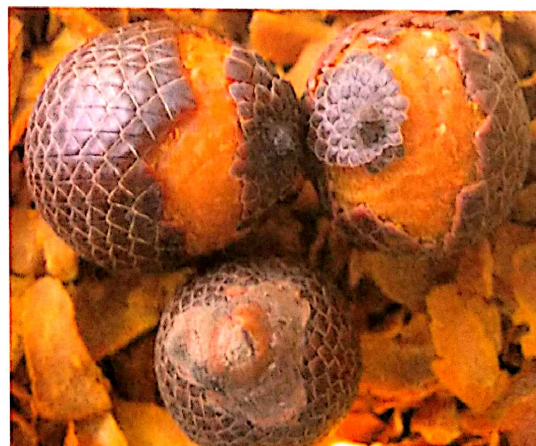
No bioma Cerrado é a espécie que caracteriza as veredas, marcante fitofisionomia da região, ocorrendo também em matas de galeria e ciliares, podendo formar densos buritizais. Para além dos domínios do Cerrado, corre em toda a Amazônia e Pantanal, sobre solos mal drenados, em áreas de baixa altitude até 1000m, sendo considerada a palmeira mais abundante do país.

De longe a espécie mais citada na obra de Guimarães Rosa, o buriti é utilizado para as mais diversas finalidades pelo povo do sertão, dele se obtém abrigo, alimento e até mesmo transporte. As seguintes passagens de Grande sertão: veredas dão uma dimensão tanto da ecologia, como do potencial de utilização do buriti.

Na Serra do Cabral foram observados muitos buritis, em veredas em bom estado de conservação. Entre Coração de Jesus e Lagoa dos Patos a expedição passou por uma vereda morta (ou moribunda), onde a vegetação está dando lugar à cactos e faveiras, com alta mortalidade de buritis jovens.

"O Senhor estando lembrado: aqueles cinco, soturnos homens, catrumanos também, dos Gerais, cabra do Alto-Urucúia. Os primeiros que com Zé Bebelo tinham vindo surgidos, e que com ele desceram o Rio Paracatú, numa balsa de talos de buriti." GSV 496.

"Topar um vivente é que era mesmo grande raridade. Um homenzinho distante, roçando, lenhando, ou uma mulherzinha fiando a estriga na roca ou tecendo em seu tear de pau, na porta de uma choça, de buriti toda. Outro homem quis me vender uma arara mansa, que a qual falava toda palavra que tem á. [...] GSV 382.



Fruto do Buritis

2) - Pequi

"Milho crescia em roças, sabiá deu cria, gameleira pingou frutinhas, o pequi amadurecia no pequizeiro e a cair no chão, veio veranico, pitanga e cajú nos campos." GSV 303

Trata-se de uma das espécies mais tradicionalmente utilizadas por populações em toda área de abrangência do bioma Cerrado. Seu emprego se dá na alimentação, medicina popular, indústrias de alimentos e cosméticos, na obtenção de madeira, entre outros. Seu alto valor utilitário e sua forte identidade com a cultura regional tem tornado o pequizeiro alvo de proteção e deferência oficial.

"O fumo de pitar se acabando repentino na algibeira de uns e outros – bondade dos companheiros era que acudia. E deu daquele vento trazedor: chegou chuva. A gente se escondendo, divididos, em baixo dos pequizeiros, que tempestava." [...] "E a gente ia, recomendo, se andava, no desânimo, nas altas campinas." GSV 372

Após publicação da Portaria Federal 54, em março de 1987, do antigo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), hoje Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), fica proibido o corte e comercialização de madeira do pequizeiro em todo o território nacional. Sua madeira, de excelente qualidade, está entre as menos susceptíveis ao ataque por cupins de madeira seca, tais como o *Cryptotermis brevis*, o mais importante do Brasil, em termos econômicos.



Frutos de pequi, atacados por larvas de insetos, entre Coração de Jesus e Lagoa.



Equipe do Roteiro Veredas à sombra de um pequizeiro, em Curimatá.

Um decreto de junho de 1993, entre outras medidas, torna imunes ao corte no Distrito Federal, além do pequi, o buriti (*Mauritia flexuosa*), copaíba (*Copaifera langsdorffii*), cagaita (*Eugenia dysenterica*), sucupira-branca (*Pterodon pubescens*), todos os ipês (*Tabebuia* spp.), entre outras espécies do Cerrado, consideradas Patrimônio Ecológico.

No ano de 2001, em concurso realizado pelo Instituto Estadual de Florestas-MG, o pequizeiro foi eleito "Árvore Símbolo do Estado de Minas Gerais". Há dezessete anos é realizada em Montes Claros, no norte do estado, a Festa Nacional do Pequi, ocasião em que moradores da região festejam o Cerrado, sob o signo desta importante espécie.

Foram observados pequizeiros em diversos pontos do roteiro, assim como em muitos pousos éramos recebidos com pequi, arroz e frango, um dos mais típicos pratos da região. Na vereda morta, entre Coração de Jesus e Lagoa dos Patos, foi observado fruto de pequi com larva de inseto. Segundo Rinaldo, engenheiro florestal responsável pelo escritório IEF em Januária, a supressão da vegetação tem aumentado a incidência de ataque destes insetos, comprometendo a produção de frutos do pequi, que caem prematuramente e perdem valor comercial. Em face da importância do pequi na economia e cultura da região, o tema merece atenção de instituições de ensino/pesquisa, como a Embrapa, universidades, escolas técnicas, entre outras.



O Garança se regalava com os pequiás, relando devagar nos dentes aquela polpa amarela enjoada. Aceitei não, daquilo não provo: por demais distraído que sou, sempre receei dar nos espinhos, craváveis

"De como, no prazo duma bora só, careci de ir me vendo escorando rifle (...) trepado em jatobá e pequiizeiro, deitado no azul duma lage grande."
GSV 230.

3) - Jatobá-do-cerrado

Arvoreta ou árvore de até cerca de 12 metros de altura, amplamente utilizada por todas as populações tradicionais do bioma Cerrado. Ocorre em cerrados e cerradões e mesmo sem flores pode ser facilmente identificada pelas suas folhas, alternas e compostas por dois folíolos. Dizem a folha do jatobá parece um par de pulmões, o que indicaria suas propriedades medicinais no fortalecimento das vias respiratórias superiores e aparelho cardiovascular.

A farinha extraída de seus frutos tem alto valor nutricional, sendo ideal para enriquecer biscoitos, pães, bolos e vitaminas. É atualmente comercializado na forma de sorvetes e picolés, ou ao natural, em feiras e supermercados.

Pudemos observar jatobás ao longo de todo o roteiro, com destaque para dois belos exemplares em Curimataí, que podem servir como matrizes, em programas de coleta de sementes.



Farinha, sementes, frutos e folhas do Jatobá-do-cerrado

4) - Arnica-do-campo



Arnica ou arnica-do-campo, na Serra do Cabral.

"Aí foi curto fogo, mas eu levei uma bala, de raspaz, na carne do braço, perdi muito sangue. Raimundo Lé banhou com casca de angico, na hora melhorei; Diadorim amarrou bem, com pano duma camisa rasgada. Apreciei a delicadeza dele." [...] "Uns recomendavam arnica-do-campo, outros aconselhavam emplastro de bálsamo, com isso rente se sarava. Aí Raimundo Lé garantiu cura com erva-boá. Mas onde que erva-boá se ia achar?"

São muitas as espécies de arnica (*Lychnophora* spp.) utilizadas popularmente para o tratamento de contusões, pancadas, como cicatrizante e para mistura com cachaça. A perda de habitat e a coleta predatória fizeram com que mais de 20 espécies de arnica fossem incluídas na lista de espécies ameaçadas de Minas Gerais, sendo algumas consideradas criticamente em perigo e outras provavelmente extintas.

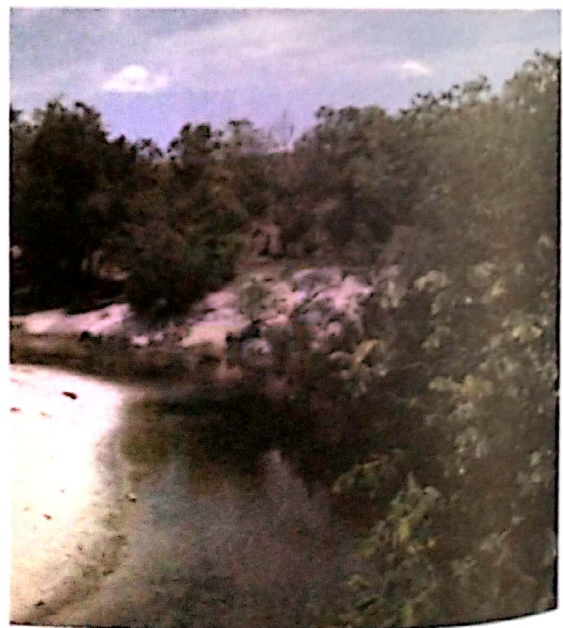
A Serra do Cabral abriga espécie de arnica-do-campo, além de outras espécies altamente vulneráveis, sendo uma das áreas prioritárias para ações de conservação, na região visitada

5) - Ingá



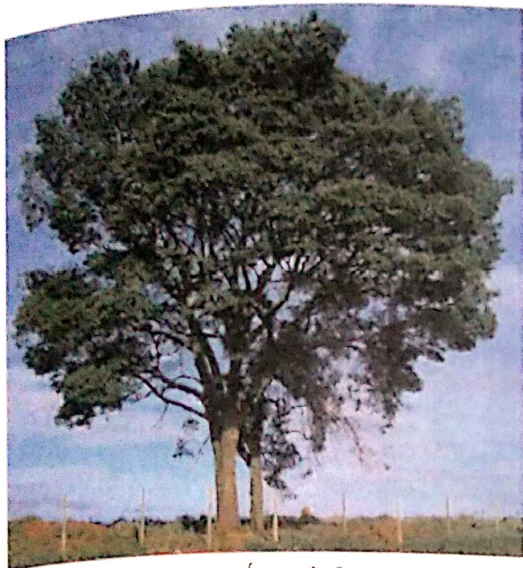
"O mundo estava vazio. Boi e boi. Boi e boi e campo. Eu tocava seguindo por trilhos de vacas. Atravessei um ribeirão verde, com os umbuzeiros e ingazeiros debruçados - e ali era vaú de gado. "Quanto mais eu ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago..." - foi o que pensei na ocasião," GSV 288.

Ocorrendo tipicamente em beiras de rios, apresenta crescimento rápido e seus frutos são apreciados por aves, mamíferos e até mesmo peixes. Produz substância atrativa de formigas em glândulas localizadas nas folhas (nectários extraflorais). as formigas exercem certa proteção contra eventuais herbívoros e fitófagos. Estas características tornam as diversas espécies de ingá adequadas a recuperação de matas ciliares e de galeria degradadas.



Ingazeiro e copaíba, às margens do rio Preto, no caminho entre Águas de Santa Bárbara e Curimatá.

6) - Copaíba ou pau-d'óleo



Copaíba no caminho entre Águas de Santa Bárbara e Curimatá.

Árvore de excelente madeira e reconhecido valor medicinal. Produz um óleo que é utilizado por populações indígenas e tradicionais de todo o bioma Cerrado e em toda a Amazônia, como cicatrizante, bactericida, antiinflamatório e febrífugo.

Foi observada em São João da Vereda, Lagoa dos Patos, Claro dos Poções e em alguns pontos ao longo dos caminhos, como às margens do rio Preto.

"E o canoeiro me contradisse: - "Essa é das que afundam inteiras. É canoa de peroba. Canoa de peroba e de pau-d'óleo não sobrenadam..." Me deu uma tontura. O ódio que eu quis: ah, tantas canoas no porto, boas canoas boiantes, de faveira ou tamboril, de imburana, vinhático ou cedro, e a gente tinha escolhido aquela... Até fosse crime, fabricar dessas, madeira burra!" GSV pg. 106.

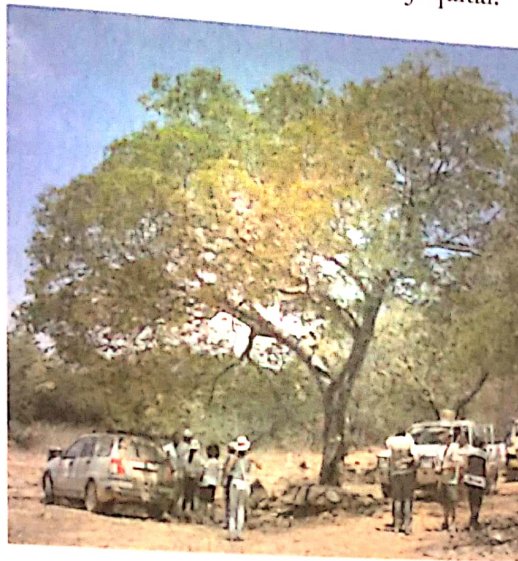
7) - Tamboril

Espécie de árvore que atinge grande porte nas florestas ciliares e de galeria do bioma Cerrado. Madeira de boa qualidade utilizada para diversas finalidades, da construção de canoas à violas de cocho. Ideal para utilização em arborização de praças.

A produção de mudas é facilmente realizada com plantio de sementes, que apresentam boa taxa de germinação quando escarifica-

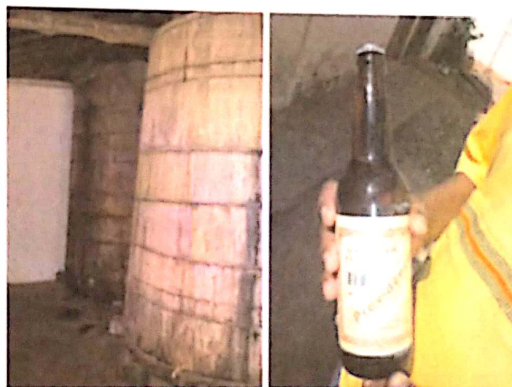
das (lixadas).

Foram observados alguns belos exemplares de tamboril ao longo do roteiro, como São João da Vereda, Lagoa dos Patos e Jequitai.



Equipe da Expedição sob um Tamboril, próximo ao rio Jequitai.

8) - Imburana (ou Umburana)



Além de servir para a fabricação de "canoas boiantes", sua excelente madeira é empregada na confecção de móveis e tonéis, como os encontrados no local de produção da tradicional cachaça Providência, em Buenópolis.



Tonéis de Imburana, em Buenópolis. Cada um armazena 8 mil litros da tradicional cachaça Providência.

A cachaça acompanha o sertanejo, na cultura da festa, do luto, na lida diária. Sua melhor produção se utiliza de nobres madeiras, como imburana, bálsamo, jequitibá, tamboril, entre outras. Está cada vez mais difícil encontrar árvores destas espécies, com porte tal que possam oferecer madeira para a confecção de tonéis como os de Buenópolis, verdadeiras relíquias da abundância da vegetação local.

"Diadorim tanto empalidecesse; ele pediu cachaça. Tomou. Todos tomamos. Titão Passos não queria ter as lágrimas nos olhos." GSV 298

9) - Jenipapo

Seus frutos são utilizados na fabricação de licor tradicional; a polpa é utilizada por povos indígenas para obter a coloração negra em pintura corporal. Observamos alguns jenipapos em matas ciliares e um pelo exemplar em Curimataí.



"... Por sinal que armei a rede por entre cajueiro e jenipapeiro, perto dos currais, e, para o segundo sono, mudei de rearmar, de faveira para faveira, lá para dentro duma cerca." GSV 460



Pé de jenipapo, acima as flores e os frutos, em Curimataí.

10) - Macaúba

"A quase meio-rumo de norte e nascente, a quatro léguas de demorado andamento, tinha uma venda de roça, no começo do cerradão. Vendiam licôr de banana e pequi, muito forte, geléia de mocotó, fumo bom, marmelada, toucinho. [...] A gente outorgava a ele o dinheiro, cada um encomendava o que queria. Diadorim mandou comprar um quilo grande de sabão de coco de macaúba, para se lavar o corpo." GSV 294



Coqueiral de macaúba, entre Montes Claros e São João da Vereda

"Reprazia, para mim, um dia reverter para o rio das Velhas, cujos campais de gado, com o coqueiral de macaúbas, meio do mato, sobre morro, e o grande revêo baixo da nhaúma, e o mimoso pássaro que ensina carinhos - o manuelzinho-da-crôa... Diadorim, eu gostava dele?" GSV 466.

De grande utilidade na alimentação humana e animal. Frutos com alto teor de gordura, com a qual se fabrica sabão. O porte elevado torna a macaúba propícia para a arborização pública, na forma de agrupamentos ou ladeando avenidas e ruas.

Foi observada em diversos trechos do roteiro, como São João da Vereda, São João da Lagoa, Lagoa dos Patos, entre outros

Conclusões

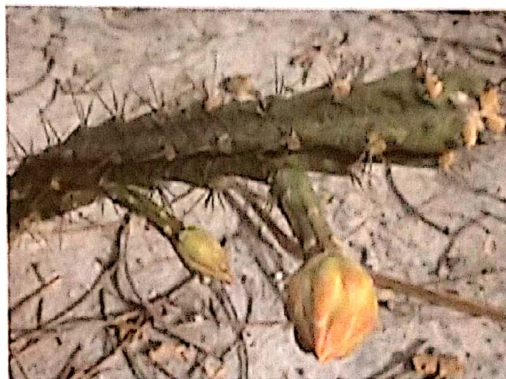
As passagens de Grande sertão: veredas revelam diversas características destas plantas, bem como suas interações com as pessoas.

Foram observadas diversas espécies nativas de tradicional utilização pela população

sertaneja. Muitas delas compõem o universo da jagunçada de Grande sertão: veredas. Entretanto, a maior parte das plantas foi observada isolada, em um contexto de franca deterioração de seu habitat natural. Apesar da riqueza natural disponível pelo Cerrado ao povo sertanejo, e de algumas boas iniciativas locais na gestão do turismo e de unidades de conservação, com destaque para Águas de Santa Bárbara e para o Parque Estadual da Serra do Cabral, pudemos constatar em muitos locais visitados um quadro de drástica redução de áreas em bom estado de conservação. Entre os danos ao patrimônio natural e cultural, observamos uma vereda morta (por um conjunto de

fatores: traçado inadequado de rodovia, sucessivas barragens, pastoreio e pisoteio de gado, fogo); pichações sobre pinturas rupestres; vastas áreas de vegetação natural dando lugar a plantações de grãos e árvores, belas cachoeiras degradadas pelo uso inadequado das pessoas e pelo acesso do gado.

É recomendável a difusão de conhecimentos e desenvolvimento de projetos voltados à utilização e valorização de espécies vegetais nativas no paisagismo e arborização pública e privada. Recomenda-se, também, o apoio ao empreendedorismo com base na utilização sustentável de recursos naturais, com ênfase às plantas nativas de valor econômico.



Vereda morta, entre Coração de Jesus e Lagoa dos Patos. Vegetação da vereda dando lugar aos cactos e faveiras, local com alta mortalidade de buritis jovens.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, U.P. de. 2005. Introdução à Etnobotânica. Ed. Interciência, 80p.
 Gonçalves, F.G. & Oliveira, J.T. da S. 2006. Resistência ao ataque de cupim-de-madeira-seca (*Cryptotermis brevis*) em seis espécies florestais. *Cerne*, v.12, n.1, p. 80-83. Lavras. <http://www.dcf.ufla.br/Cerne/Revista/v12n1-2006/09%20artigo.pdf>
 Rosa, J.G. 2006. Grande Sertão: veredas. 1.ed. – Rio de Janeiro, Nova Fronteira, (Biblioteca do Estudante).